



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL



SERRALVES

Artes, natureza,
biodiversidade
Reportagem e entrevistas

PÁGINAS 24 A 26



CORRENTES D'ESCRITAS

Duas línguas a muitas vozes

Na Póvoa de Varzim a 24.ª edição do Encontro de Escritores de Expressão Ibérica reúne cem autores de 15 nacionalidades. O que e como vai ser, as mesas, as homenagens, os novos livros, entrevistas com António Torres, Daniel Mordzinski, Geovani Martins, Juan Gabriel Vásquez e Rosa Montero, a reportagem de Luís Ricardo Duarte

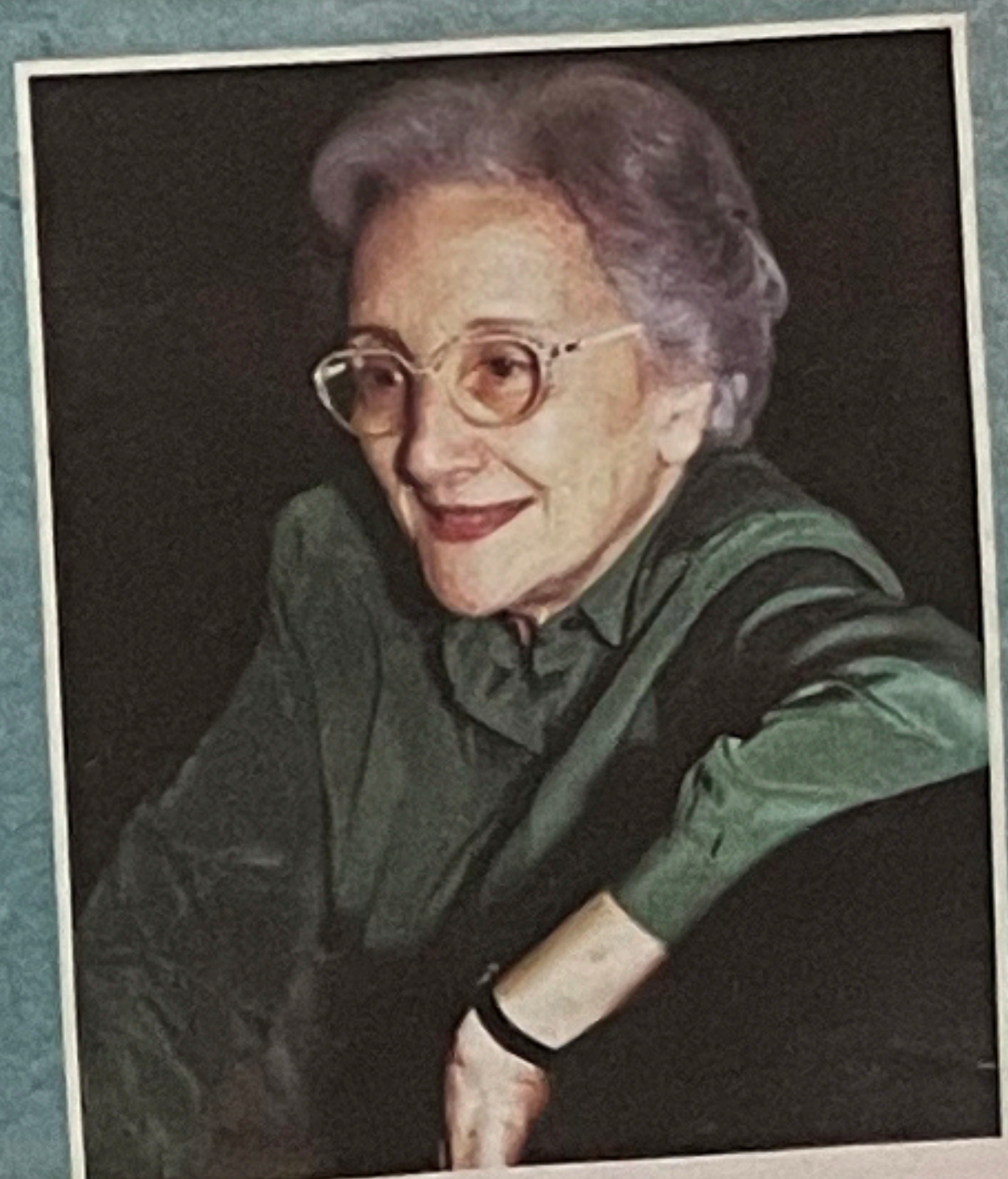
PÁGINAS 6 A 14

CLEONICE BERARDINELLI (1916-2023)

Uma personalidade ímpar do mundo da língua portuguesa

Na morte da extraordinária prof^a, ensaísta, especialista de Camões e Pessoa, texto de António Carlos Cortez, testemunhos, designadamente de Eduardo Lourenço, e poemas

PÁGINAS 16 A 18



› BREVE ENCONTRO ‹



Mónica Lima Prémio em Roterdão

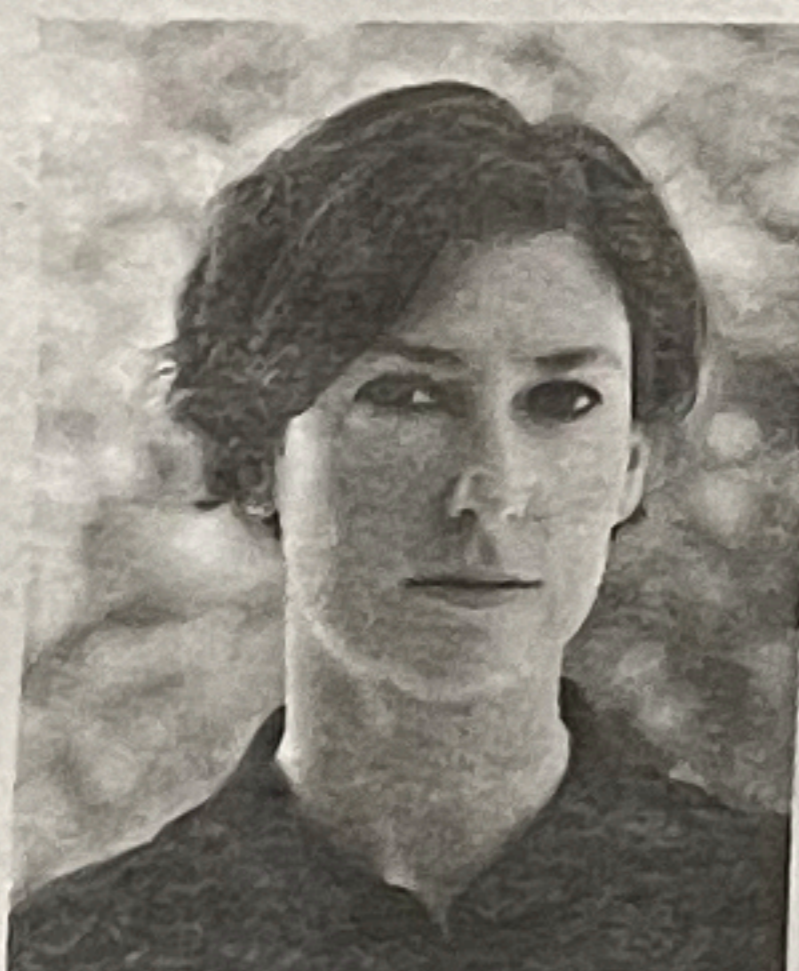
Com a sua quarta curta-metragem, *Natureza Humana*, recebe o prémio da competição oficial do prestigiado festival de Roterdão. Um filme numa Lisboa confinada que levanta questões essenciais sobre o mundo em que vivemos, sobretudo na relação do homem com a Natureza. É o segundo filme a ganhar este prémio em Roterdão, depois de *Tornar-se um Homem na Idade Média*, de Pedro Neves Marques, e confirma o bom momento das curtas portuguesas.

JL: O filme tem um estilo muito naturalista, em que os atores quase que parecem não atores. Como foi feito esse trabalho de direção?

Mónica Lima: Houve uma grande atenção ao casting. Procurei um casal que tivesse uma intimidade natural. Depois, deixei espaço para acolher surpresas que eles trouxessem nos ensaios e dei-lhes condições para que se sentissem em casa. Acolhi as sugestões, não fiquei demasiado presa ao texto. Além disso, o trabalho de luz e de fotografia dão profundidade a esse naturalismo.

Parece estar sempre presente o conflito entre o humano e a natureza, dividindo o protagonismo entre os dois, que depois se evidencia na grande questão da história que é a paternidade/maternidade. Como geraste esse equilíbrio e contraste?

A relação complexa e disfuncional que temos com a natureza tornou-se mais visível durante a pandemia – o mundo abalado pela crise climática *versus* a nossa vontade de nutrir. O jardim que se abre para o exterior do filme também invade o interior, pela forma como estes dilemas são interiorizados pelas personagens, com o dilema: devo ter filhos neste mundo? Mas também está no ponto de vista visual, na observação da mundanidade dos objetos, das frutas, do existir, no lugar doméstico de uma casa, que expande a atenção aos detalhes. O filme deixou-se impregnar por essa dialética.



O ambiente é típico de uma casa de campo, mas aquilo passa-se tudo na cidade. É um retrato das traseiras de Lisboa...

É um privilégio ter uma horta num tempo de enorme ansiedade económica e social como a pandemia. Há esse outro lado de Lisboa, com um ambiente quase rural, mas que, na verdade, está rodeado de prédios. É uma nova maneira de ver a cidade. A pandemia também nos revelou muitas coisas do ponto de vista sonoro, porque saíamos à rua e não passavam carros, e assim reparamos mais no som dos animais, das moscas...

É uma curta muito contemplativa. Como fizeste a gestão do tempo?

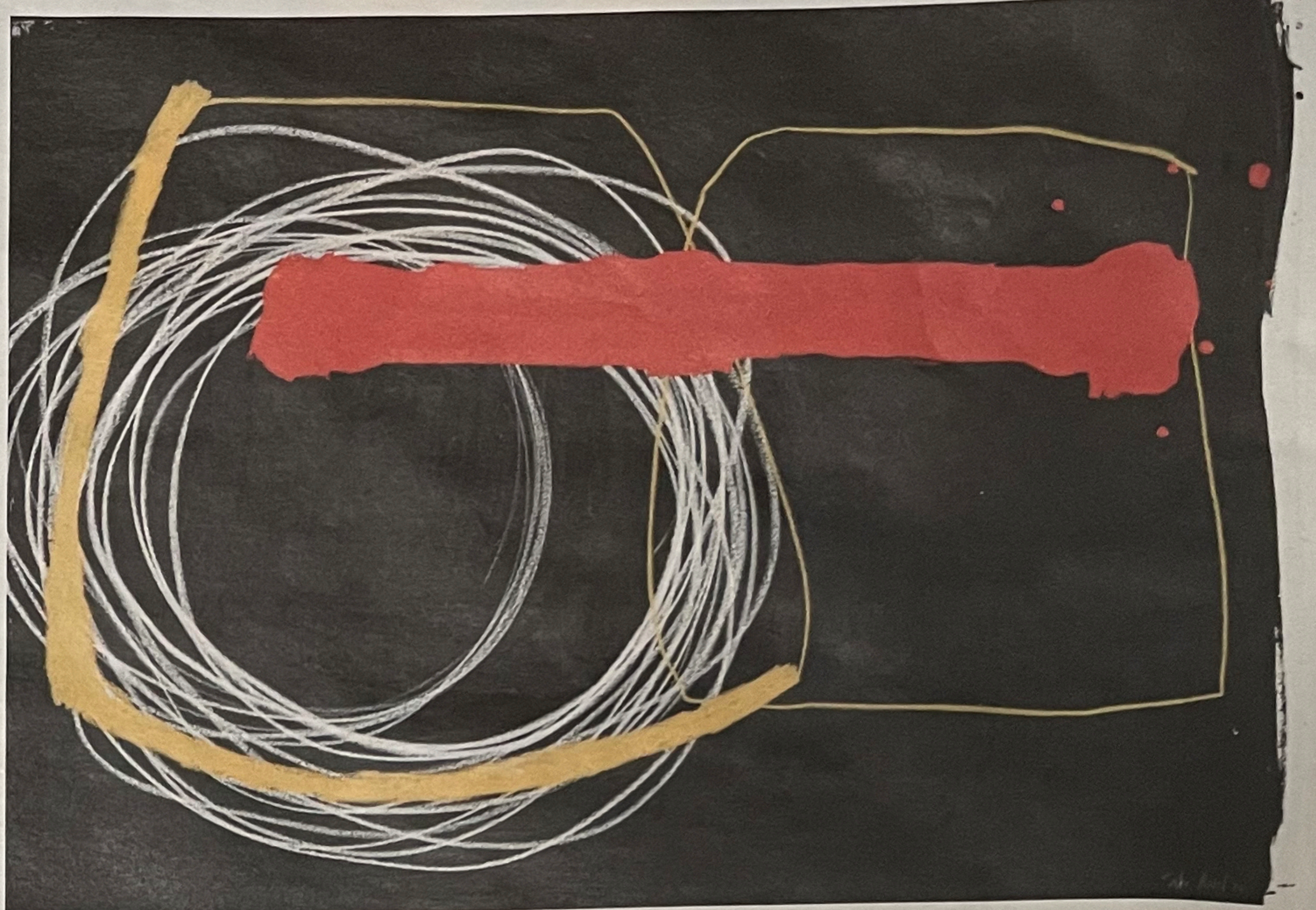
O trabalho do tempo no cinema é uma forma de acrescentar camadas dramáticas. Ao vermos o jardim a crescer percebemos que o casal passou aquele tempo todo sem conseguir ter um filho. Mas são coisas que nos entram sem recorrer ao melodrama, mas pela aceitação das coisas como elas são.

O que te pode trazer este prémio em Roterdão?

Aquilo que mais me interessa é a oportunidade continuar a fazer cinema. Se o prémio dá essa ajuda fico feliz.

E já sabes qual é o filme seguinte?

Espero conseguir apoio para uma longa. Entretanto, estamos a trabalhar numa nova curta. **JL. MANUEL HALPERN**



Sofia Areal em Leiria, Martim Brion em Lisboa Os vermelhos, amarelos, azuis, pretos e brancos são a sua habitual e intensa paleta, um espectro cromático que se desdobra em variações, interações e tonalidades em *Diálogos Visuais*, de Sofia Areal, que se inaugura a 11, no BAG, Banco das Artes Galeria, em Leiria.

A artista (N. 1960) apresenta um conjunto de obras criadas sobretudo nos anos 2000, tecendo relações também com a literatura, o cinema e o teatro, numa homenagem ao encenador e realizador Jorge Silva Melo. A curadoria é de Martim Brion, seu filho, também ele artista (N. 1986), a residir em Munique, que inaugura, a 9, *Produção (re)produção*, na galeria Nave, em Lisboa, uma exposição em que propõe aos visitantes que produzam as suas próprias narrativas, a partir de uma pesquisa em tempo real.

VAI ACONTECER

AS MINORIAS NA ÍNDIA PORTUGUESA

As minorias na antiga Índia portuguesa são tema de um seminário internacional que decorre no Museu de Oriente, dias 13 e 14. Tendo como línguas de trabalho português e inglês, o programa conta com participações de Rila Mukherjee, da University of Hyderabad; Ernestine Carreira, da Université d'Aix-Marseille; Patrícia Souza de Faria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; além de diversos investigadores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ISCTE ou Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho. Estão em debates temas como Marginalidade e escravatura ou a religiosidade.

NIKIAS SKAPINAKIS

Conhecer um artista através das obras que decidiu guardar para si é a proposta do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa. A exposição *Os Nikias do Nikias* revisita um dos percursos artísticos mais marcantes da arte portuguesa do século XX e inícios do XXI. De ascendência grega, Nikias Skapinakis nasceu em Lisboa, em 1931, onde também morreu, em 2020. Fez pintura, desenho, gravura e teve sempre um grande empenhamento cívico e cultural. Com curadoria de Helena Skapinakis e Maria de Aires Silveira, a mostra inaugura-se hoje, 8, e ficará patente até 21 de maio. São 80 obras da coleção particular do artista, uma espécie de museu pessoal.

FESTIVAL POLÍTICA

Com edições já em Lisboa, Braga e Loulé, o Festival Política estreia-se em Coimbra, em formato de antecipação do que se poderá ver em novembro. Nos dias 10 e 11, no Convento de São Francisco, uma conversa com Dino D'Santiago, Ana Cortez Vaz, vereador da autarquia, e Rui Oliveira Marques, codiretor do festival (dia 10, às 11). Em cima da mesa, a pergunta: a música pode derubar murros? Em discussão o papel dos músicos e dos artistas na sociedade. No dia 11, uma oficina de trigram para crianças entre os 6 e os 12 anos, às 11; um documentário sobre música cigana, às 17, e uma aula ao vivo sobre o tema da inclusão por Hugo van der Ding. As sessões de entrada gratuita.

GUIDANCE EM GUIMARÃES

Cinco coreografias podem ser vistas no Festival Guidance, que decorre até 11, no Centro Cultural Vila Flor (CCVF), Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG), Teatro Jordão, Casa da Memória e escolas do concelho. A saber, *Carcaça*, de Marco da Silva Ferreira, dia 8; *Beautiful People*, de Rui Horta com a companhia Dançando com a Diferença, dia 9; *Soirée d'études*, de Cassiel Gaube, dia 10; *O Elefante no Meio da Sala*, de Vânia Doutel Vaz; e *Jungle Book reimagined*, a estreia nacional da Akram Khan Company, também no dia 11, sendo que este espetáculo será apresentado dias 17 e 18, no Grande Auditório do CCB.